

## GT01: A universidade como local da alteridade

Susana Abrantes, Carla Dias

A ampliação da universidade pública brasileira, somada às políticas de ação afirmativa, possibilitou mudanças profundas na composição do corpo social das instituições. Os estudantes comumente excluídos deste espaço de formação, chegam com histórias ativas que mostram uma complexidade de agendas, significados políticos e audiências, representando grupos que sobreviveram às invasões coloniais, à assimilação forçada e à escravização e que hoje lutam dentro de regimes dominantes, em resistência e reconexão aos seus valores ancestrais. O conhecimento produzido por eles nessa nova arena é resultado de situações existenciais, muitas vezes expressas por meio de histórias de vida, e reformulado nas relações interculturais e intercientíficas do cotidiano de ensino. Essas manifestações e formas de fazer mostram uma vitalidade cultural sentida dentro das universidades brasileiras que têm sido provocadas a pensar outras modelagens dadas por uma relação dialógica e a possibilitar outros pontos de vista e modificações no espaço de formação. Este GT convida pesquisadores e pesquisadoras a enviarem trabalhos que apresentem descrições, comparações e experiências sobre a universidade como o lugar da alteridade. Nos diferentes espaços da pesquisa, do ensino e da extensão há vivências distintas e inter-relacionadas sobre formas de conhecer, de sentir e de agir sobre o mundo que permitem um deslocamento do olhar docente em busca da construção de espaços mais democráticos.

### **Trânsitos acadêmicos e a produção de conhecimento: Notas sobre a migração e as políticas da prática científica entre doutorandos brasileiros em Portugal**

**Autoria:** Antonio Pedro de Barros

A comunicação proposta é a parte inicial de uma pesquisa etnográfica em andamento acerca dos efeitos epistemológicos da migração para investigadores brasileiros em Portugal. As sucessivas crises políticas que se aprofundaram no Brasil a partir de 2015, com a abertura do processo de impeachment de Dilma Rousseff, e a posterior consolidação institucional da extrema-direita, em 2018, provocaram transformações drásticas na condução de algumas políticas públicas. O campo da ciência e da educação, em especial, foram marcados por cortes sucessivos de financiamento e pela intensificação do processo de precarização das condições de trabalho. Diante desse quadro, houve um crescimento no fluxo de emigração de pesquisadores, em especial daqueles em fase de formação ou em estágios iniciais da carreira e Portugal se configurou como um dos principais destinos para aqueles das áreas das Ciências Sociais e das Humanidades. O número de brasileiros na academia portuguesa vem subindo num ritmo próprio e constante, independente das ondas de migração no geral. Apresento uma breve contextualização deste fluxo migratório, baseado em alguns dados estatísticos e históricos sobre como as transformações conjunturais no Brasil afetaram as condições materiais e simbólicas de trabalho científico e podem estar associadas a esse fenômeno. Junto a isso, busco apresentar a sua singularidade e como a migração acadêmica recente se distingue perante as outras formas de mobilidade acadêmica financiadas pelo Estado brasileiro, que já foram majoritárias nas interações científicas entre os dois países. Esse material é enriquecido com dados etnográficos reunidos na pesquisa de campo em andamento em alguns centros de formação avançada na área das ciências sociais em Lisboa. Tenho tido especial atenção às dinâmicas de organização e de interação dos ambientes acadêmicos em Portugal, às representações acerca do significado do Brasil e de Portugal enquanto locais de produção e enunciação do conhecimento científico, e, sobretudo, às objetivações discursivas dos processos vividos subjetivamente de deslocamento de classe, status, gênero e raça decorrentes da experiência migratória.

[Trabalho completo](#)



## 33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

### Realização:



### Apoio:



### Organização:

